

INTERROGANDO A BELEZA

João Augusto Frayze-Pereira*



A entrevista com D. Meltzer desenvolve-se tocando na superfície de diversas questões: o caráter conservador das instituições sociais em contraste com a experiência da beleza; a problemática da violência dessas instituições na relação com o belo desenvolvimento individual; a questão da formação psicanalítica e da necessidade de uma política de formação facilitadora daquele tipo de experiência da beleza. São questões de extrema complexidade que, evidentemente, não poderiam ser tematizadas todas num breve comentário. Entretanto, a idéia forte que articula toda a entrevista e que em mim suscitou algumas interrogações é, justamente, a idéia de beleza.

No contexto dessa entrevista, a beleza é tematizada sobretudo a partir da relação primordial mãe-bebê: “beleza da mente”, beleza da mente materna; beleza como questão “muito individual”, como uma questão que só se apreende na singularidade de uma relação; o “impacto da beleza”, o que em outras palavras significa a tolerância/intolerância à beleza; a relação da pessoa com o “objeto estético” – são expressões presentes na comunicação de Meltzer e que tornam possível tratar a questão do “belo” nos termos mais amplos da questão da “experiência estética”. Entre a mãe e o bebê dá-se um tipo de relação, tal como a concebe Meltzer, que pode nos levar a pensar numa certa forma da experiência estética. No entanto, no

* Professor
Doutor do
Instituto de
Psicologia da
USP/Professor
Colaborador do
Museu de Arte
Contemporânea
– USP/
Formação no
Instituto da
Sociedade
Brasileira de
Psicanálise de
São Paulo.

âmbito dessa entrevista e embora exista a possibilidade da associação à “experiência estética” e ao “objeto estético”, a beleza não chega a ser definida, nem minimamente abordada, do ponto de vista estético. E isso pode ser problemático em se tratando de uma idéia – a idéia de beleza – que historicamente é anterior às idéias psicanalíticas, marcada por antigos e densos compromissos culturais e filosóficos. Nesse sentido, deve-se lembrar resumidamente que 1) em suas origens, a Estética se volta para o Belo como idéia e seu reflexo nas Artes como um tipo de conhecimento sensível, confuso e inferior ao racional, claro e distinto, isto é, o conhecimento voltado para a verdade; 2) será somente através da Filosofia de Kant que a questão do Belo irá se converter na questão da “experiência estética” a ser diferenciadamente interpretada pelas diversas tendências teóricas e artísticas do século XIX; 3) cabe à História da Arte registrar e interpretar os modos pelos quais os homens elaboraram psicológica e culturalmente a Beleza compreendida como valor. Nesse sentido, tanto a Estética quanto a História da Arte fazem-nos compreender que o Belo não possui a mesma forma e significação em todas as épocas e lugares. Assim, associado a um objeto estético singular, o Belo passa a ser componente de uma experiência propriamente poética, quer dizer, vinculada a uma linguagem, portanto, a uma forma que o manifesta de modo sensível.

Mikel Duffrene e Luigi Pareyson, dois grandes estetas contemporâneos de índole fenomenológica, pensaram sobre a experiência estética e o poético. E a reflexão que desenvolveram, como a de muitos outros de mesma índole, é bastante clara: o estético manifesta-se sempre como poética.

Para Pareyson, confundir “estética” e “poética” é uma operação ideológica que põe no lugar do universal o singular, absolutizando uma concepção específica (da Arte, da Beleza) e disciplinando o que é essencialmente aberto. Por exemplo, através de uma determinada concepção da Beleza ou da Arte (seja a idéia de “totalidade”, de “desenvolvimento”, de “harmonia” etc.), reduz-se o campo de manifestações da própria Arte e da Beleza (que podem vir a ser, dependendo da poética em questão, pela “fragmentação”, pela “desintegração”, pela “regressão” etc.). Ou seja, uma estética normativa que normaliza a Beleza, em nome de qualquer concepção, é sempre perigosa. Como se sabe, foi uma operação como essa que produziu na Alemanha a “Arte Degenerada”.

Ora, a partir daí, como se pode compreender, sem reducionismo, o que é poetizável? Apenas como sugestão de uma reflexão, lembro Duffrene, que diz:

habitar poeticamente o mundo (como queria Hölderlin com a poesia e como pretendeu Merleau-Ponty com a filosofia) é experimentar uma situação originária que não se resolve num ato como os que a necessidade ou o hábito suscitam, mas que se quer dizer.

E, conclui,
nenhuma disposição conceitual poderá traduzir esse sentimento fundamental do mundo, porque todo conceito está voltado à inteligência dos objetos. Somente a linguagem poética pode exprimi-lo. O poetizável e, mais geralmente, o que é passível de arte, é o objeto cujos contornos se esfumam, ou melhor, cuja significação se ilimita, e que se torna figura ou centro de um mundo.

Esse sentimento é o da união do homem com o mundo, união da qual fala a linguagem propriamente poética que se desdobra em mito, que se organiza em cosmologia ou em teogonia. São as potências e os deuses que a palavra poética evoca, porque é do poeta moderno remontar às origens da linguagem para facultar a emergência das imagens primordiais àqueles que não possuem a clareza e a univocidade da coisa sabida em si mesma, embora já sejam percebidas. São imagens que formam a primeira repercussão do mundo no homem. E é do poeta libertar essas imagens fixando-as nas palavras (ou, amplamente, no sensível) que solicitam; abrir por essa via um mundo em que seu interlocutor, seu outro, possa, por sua vez, penetrar. Se a experiência poética é uma manifestação da *alteridade* constitutiva do humano é porque ela surge concretamente pela linguagem que é o meio de que o homem dispõe para fazer-se outro. Experiência da intersubjetividade é concretamente o que realiza a experiência poética, como experiência estética. Ou seja, se os poetas são sedutores, como diz Leyla Perrone-Moisés, é porque foram vítimas de uma sedução primeira, exercida pela própria linguagem. Porém, é pela via desviante da expressão poética que o teórico encontrará junto ao poeta matéria-prima para pensar um

encaminhamento para a tensão sujeito-objeto, para a questão da intersubjetividade que, essencialmente, parece ser, é a questão de Meltzer nos limites dessa entrevista.

Ora, se ao falar do Inconsciente, o artista ou o filósofo que não têm formação em Psicanálise certamente correm o risco das abstrações, considerar a Beleza sem referência ao complexo campo teórico-experencial em que o termo se enraiza pode favorecer alguns equívocos.